

Berta Waldman (USP).

Formatado: À direita, Recuo:
À esquerda: 0 cm

Excluído: ;

Excluído: Doutora em Teoria
literária e Literatura brasileira,
UNICAMP; Professora Titular em
Literatura hebraica e judaica,

Vagalumes e Parasitas (OZICK, 1965) - romance recém traduzido da escritora Cynthia Ozick, apresenta um nó estrutural que pretendo iluminar. Trata-se de uma chave formal, que aponta ao mesmo tempo para duas direções: uma clara e explícita, relacionada à construção do enredo, das personagens, enquanto a outra aponta para um problema aludido e indicado, mas submerso no romance.

Nascida em Nova York em 1928, filha de imigrantes lituanos, a escritora tem-sededicado ao romance, conto e ensaio, sendo autora de mais de uma dezena de obras aclamadas pela crítica. Desde o início de sua carreira Cynthia Ozick apresentou-se como escritora judia, pleiteando uma volta não apenas à herança judaica, mas a um "estilo judaico" de escrever, um estilo menos preocupado com os acontecimentos do que com os comentários da história e dos textos sagrados. Esse "estilo" predomina na obra de Ozick, tanto na ficção que incorpora costumes, lendas, tradições e a história dos judeus, como no ensaio. Em "America toward Iavne", 1970, por exemplo, a escritora advoga a criação de uma nova língua com características próprias que ela denominou "New Yiddish", que seria uma fusão do ídich com o inglês. Assim como o ídich converteu-se na língua falada pela maioria dos judeus da Europa Central e Oriental, o inglês poderia transformar-se no "New Yiddish". A literatura judaica norte-americana seria escrita em inglês e nele se enxertariam o ritmo e as entonações do ídich. Esse Novo Ídich possibilitaria, segundo a autora, a criação de uma literatura litúrgica escrita em inglês mas imbuída de uma sensibilidade e de uma visão judaica. Sua expectativa era que esse idioma se convertesse na língua de expressão de grande parte da população judia norte-americana. A sugestão, entretanto, não fez sucesso entre os intelectuais judeus¹.

O romance em pauta trata do judaísmo de forma enviesada. Quase todos os personagens são judeus, mas não há referência destacada a isso. Laicos, não seguem os preceitos judaicos, não comemoram o shabat nem as festas, não vão à sinagoga, não rezam.

Ambientado no auge da Grande Depressão, nos Estados Unidos, o romance compõe-se de três linhas narrativas que lentamente se entrelaçam numa trama complexa, juntando personagens de esferas distintas em experiências partilhadas. O denominador comum de todas as personagens é o fato de serem deslocadas e solitárias, equilibrando-se precariamente numa realidade árida e movediça, estranha e instável.

A primeira linha narrativa, a mais ampla e que engloba as demais, situa uma família de imigrantes arrancados da elite burguesa de Berlim, os Mitwisser, que passam a viver precária e caoticamente numa casa situada num recanto pantanoso do Bronx. Trata-se de um casal de estudiosos judeus que escapou, com seus cinco

filhos, da Alemanha nazista. Convém lembrar que na década de 1930, antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos vivem um período de inundação estrangeira. Centenas de famílias oriundas da Europa aportam no Novo Mundo, transformando-se do dia para a noite em refugiados.

A segunda linha narrativa situa a experiência de uma jovem que percorre o traçado do romance de formação, pois conta os percalços de uma criança órfã de mãe aos três anos, que vive com um pai trapalhão, mentiroso, jogador desonesto, a quem a filha tem que cuidar e não o contrário, que a abandona nas mãos de um parente longínquo que a acolhe mas também a abandona, pressionado pelo exclusivismo de uma namorada revolucionária. A jovem, que é a narradora do romance, atende a um anúncio da família Mitwisser que busca vagamente uma assistente, juntando-se a eles. Rose, é este seu nome, de tão desamparada, chega a sentir-se uma estrangeira em seu próprio país. Passando a trabalhar para o casal, adentra a realidade ambígua desses refugiados, descobre seus segredos e angústias, descobrindo, na relação com eles, o seu próprio exílio.

Excluído: ¶

De onde viria o dinheiro para a sobrevivência daquela numerosa família, já que nenhum deles trabalhava? Como Rose acabará descobrindo, o insólito “patrocinador” dos Mitwisser atende pelo curioso apelido de Menino Urso. Inspirado no verdadeiro Christopher Robin, filho do autor de livros infantis A. A. Milne, o Menino Urso, apesar de milionário, é também uma espécie de refugiado: foge da ficção e da fama que o aprisionaram numa infância idealizada. Essa a terceira linha narrativa.

O casal Mitwisser faz parte dos intelectuais refugiados e frustrados na expectativa de encontrar alguma posição acadêmica correspondente à que tinham em seu país de origem. A possibilidade de refazer sua antiga vida, que inclui o *status* social, a reverência intelectual, a possibilidade de pesquisa, cai por terra, e eles são jogados na obscuridade da qual escapam apenas alguns poucos como, por exemplo, Einstein, Freud, Hanna Arendt. O casal reage de formas distintas. O professor – um pesquisador de História das Religiões – constrói um muro ao redor de si e da família. Ao mesmo tempo que abdica da língua alemã e assume o inglês, mantém a casa impermeável como uma fortaleza, com sua ordem e suas leis: proíbe rádio, música, pessoas estranhas, qualquer contato com os “selvagens americanos” (p.49) a quem seus filhos não devem se assemelhar. Já a mãe – pesquisadora-sênior do Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim, – a quem o desarranjo mundial arruinara e transformara, reage à desordem com mais desordem, à desarmonia com mais desarmonia. Sua loucura é estratégica, uma forma de defesa que utiliza quando lhe convém. É a que enxerga os pontos cegos do marido. O professor estudava os caraítas. Atraído pelos heréticos, abandona a objetividade de investigador, tornando-se passional ao suprimir a distância entre o pesquisador e seu objeto, o caçador e a caça. Desse modo **o estudioso é suplantado pela figura que estuda**, Jacó al-Kirkisani, pensador caraíta do início do século X, nascido na alta Mesopotâmia. Os caraítas formam uma seita surgida no século VIII, na Pérsia e proximidades, que rejeita a Lei Oral, apoiando-se exclusivamente nas Escrituras, para eles, único repositório da herança divina. Comentários, interpretações, inferências, diálogos, argumentos, debate, tudo que

forma o cabedal dos rabanitas é considerado pelos caraítas como embuste. O Talmud, a Mishná, a Guemará, as vozes exegéticas que atravessam os séculos e adensam a polifonia da discussão e da incompletude do sentido que é própria do legado rabínico devem ser postos de lado. Isso porque os caraítas são literalistas, isto é, consideram que a palavra revelada contém um sentido, mantendo-se fechada em sua verdade. Os literalistas só enxergam as letras, não o halo de sentido que as rodeia. Desdenhando as metáforas, as inferências, o professor terá que enfrentar a interpretação tanto de documentos, como de segredos familiares impossíveis de se evitar, e terá ainda que interpretar o que significa o fascínio que o Menino Urso exerce sobre ele .

A questão dos caraítas repõe a discussão da relação entre linguagem e sentido justamente no interior de uma obra literária, lugar que não nos deixa esquecer que os sentidos são aqueles que conseguimos atribuir ao texto no ato de leitura, isto é, eles não são dados nem fixos, só despontam mediante a leitura e a interpretação. E se existe nesta direção um legado do judaísmo é para nos indicar, através da Torá Escrita e da Torá Oral e da discussão permanente, que os sentidos se movem e a linguagem não alcança fixá-los.

Quando a senhora Mitwisser diz de James – O menino Urso – que ele é um caraíta (p.307) ela talvez queira dizer que ele está preso a um único sentido. Ele é o personagem. do livro do pai . Jimmy vira o Menino Urso. Era assim que o viam. As obras do pai fazem enorme sucesso, a família enriquece, e órfão aos 16 anos de pai e mãe, o menino herda uma fortuna e também a exegese de seu pai acerca de um menino. Seu pai interpretara o filho para o mundo. Assim, o Menino Urso passa a ser o comentário do pai sobre o filho que não soube ou não conseguiu reinterpretar-se, escapar do cerco de uma interpretação unívoca. Desse modo, **o personagem engole o menino**. James correrá mundo, Argel, Jafa, periferias, entrará em contato com prostitutas, amantes, atores, teatro, jogo, haxixe, ansiando quebrar a previsibilidade da figura mumificada que herdou como imagem de si. Mas quanto mais avança, mais retorna a si. O ódio ao dinheiro herdado dos pais não impede que o jovem descubra o alcance de seu poder ("O dinheiro o transformava em senhor aonde quer que fosse", p.354). Distribui notas, moedas, faz acordos, busca alcançar o que quer através do dinheiro. Ele "invade" a família Mitwisser como preceptor dos meninos, mas a relação que se estabelece é clara e pode ser inferida da citação que segue: "O dinheiro era uma doença difícil de resistir e fácil de pegar." (p.314) Há um acordo implícito de que ele manterá a família, enquanto o professor pesquisa. Mas o fará de forma imprevisível: não se sabe quando ele vem, se vem, quando vai, se envia ou não o dinheiro, quanto dinheiro. Instável, irresponsável, ele acaba partindo com a filha adolescente do professor, vive com ela alguns meses até cometer suicídio. James deixa a jovem grávida e a família Mitwisser riquíssima.

Outra forma de aprisionamento de sentido que o enredo sugere se dá através da ideologia. Rose, a narradora sem mãe e abandonada pelo pai, viverá algum tempo com o parente Bertram que namora Ninel, o nome de Lênin invertido. A escolha do codinome (a personagem chama-se Míriam) diz muito dela. O jargão da esquerda comunista cuja bíblia é o Manifesto Comunista norteia a fala e o

trajeto da personagem, arrastando, em parte, o namorado. Sociedade igualitária! Ódio aos patrões! Viva a Revolução!, cujo preparo inclui a greve, piquetes e comícios. Abaixo a burguesia! Literatura, cinema e religião são fatores de alienação! Ninel usa o dinheiro da narradora para ir para a Espanha lutar contra os fascistas e ali morre num enfrentamento da polícia contra os trabalhadores em protesto contra as Olimpíadas de Berlim. **Ninel é contada pela ideologia.**

Solitário e sem emprego, Bertram junta-se à Rose, na casa dos Mitwisser. Em pouco tempo torna-se imprescindível a todos, casa-se com Anneliese – grávida de James, O Menino Urso, que se suicida. Assim, o caldo das três linhas narrativas se mescla, regado com muito dinheiro e alienação. Quem escapa desse amálgama é a narradora, não por acaso leitora ávida de literatura desde a infância. Aplicada, atenta, sensível e inteligente, a narradora faz sua travessia e amadurece. É a única que não se nutrirá nem da ideologia, nem do dinheiro, nem de verdades absolutas. Gravitando entre pequenas e sombrias cidades, imersa no abandono e na falta, a narradora ocupa as duas posições básicas em relação à literatura: ela é leitora contumaz (lê Jane Austen, Dickens, Trollope, George Elliot) e também é aquela que conta o romance; por isso ela sabe, a seu modo, que se a literatura tem um efeito é o de fazer ressurgir o que se perdeu; não para reconquistá-lo, mas para atualizar a perda, que corre o risco de se esconder. É preciso prosseguir e buscar. O quê? Não importa. A vida indicará o quê. "Eu não queria deixar vestígio nenhum. Não me agradava a idéia de vir a ser encontrada um dia, fosse por Bertram ou por qualquer um deles." (p.448) Rose se habilita a viver, sai da casa, deixando para trás o brilho fátuo dos vagalumes (como são chamados os caraítas no livro) e os parasitas, mantidos com o dinheiro que não é fruto do próprio trabalho.

Pode-se dizer que a trama recôndita aludida pelo romance, constrói-se através do conflito entre caraítas e a tradição rabínica, que aponta para uma teoria da linguagem e da literatura. A literatura apresenta-se no romance sob duplo aspecto: mercadoria, objeto vendável, ela enriquece o pai do menino Urso, que publica uma série de obras inspiradas em seu filho. A mercadoria aprisiona, pois ela se produz em resposta à demanda do público leitor que espera que o texto confirme seus sonhos e ideologia. Neste sentido, a função do leitor é especular, isto é, ele lê aquilo que espera ler e não se frustra. Esse tipo de literatura se fecha portanto no significado.

Outra concepção de literatura delinea-se a partir da personagem narradora - Rose, leitora voraz. Os livros que ela lê (Jane Austen, Dickens, etc) colocam-se exatamente atrás da *doxa*, da opinião corrente, apoiada pelas comunicações de massa. Sem confirmar expectativas, esses textos são sempre paradoxais, pois praticam o recuo infinito do significado, permanecendo no campo do significante. Nele, um movimento de desligamentos, cruzamentos, de variações, criam a lógica metonímica que regula o texto, armando uma rede de associações, contigüidades, relações, altamente simbólica. O texto, assim, é restituído à linguagem; como esta, ele é estruturado, mas descentralizado, sem fecho. A literatura é plural. Isso não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido: um plural irredutível. É através da leitura que esse plural do sentido se reaviva, sem nunca chegar ao sentido definitivo.

Não é mera coincidência, assim, que a obra de Ozick ressuscite o conflito entre caraítas e rabinistas que se dá a partir da data de origem da seita, estabelecida em 760 e.c., por seu fundador babilônico Anan ben David (AUSUBEL, 1989). Os caraítas, que eram muito numerosos nos países islâmicos na Idade Média, pleiteavam a leitura literal da Torá, e opunham-se, antes de tudo, à tradição oral e às múltiplas leis extrabíblicas, aos regulamentos e opiniões de orientação que se haviam acumulado no judaísmo rabínico; e, em segundo lugar, opunham-se ao próprio Talmud, que era um código e uma exposição dos comentários midráshicos..

Particularizando as observações à Cabala, a partir das pesquisas realizadas por Guershom Scholem com relação à mística judaica, pode-se ressaltar a posição exata do símbolo e do significante puro na tradição judaica. De acordo com esse autor, o elemento fundamental que distinguiria a cultura judaica das demais culturas com suporte religioso ou místico-religioso seria a posição central da ordem significativa da linguagem, situada acima da ordem interpretativa ou de significado. As publicações de Scholem demonstram que as correntes da mística judaica têm um ponto em comum: a valorização das Escrituras como campo significante original, a partir do qual se multiplica, ilimitadamente, o campo do significado. O sentido último é sempre inalcançável porque, de fato, não há no judaísmo mais do que uma palavra revelada: Eu, a identidade única. "Eu sou aquele que sou" (Exodo.1:3) que dizer, Eu sou Eu. Nessa projeção tautológica, em que o predicativo reproduz o sujeito, o Deus judaico fica entronizado como aquele de quem nada se sabe, e cujo poder reside em reunir, no único, um conjunto infinito de atributos. Essa realidade inapreensível de Deus, excluído da ordem dos significados, suporta, portanto, uma cadeia quase infinita de significantes que sobre ela deslizam sem jamais fixá-la. A concepção de Deus aparece desde então como o próprio paradigma da linguagem. As virtudes singulares que os judeus tradicionais atribuíam à escritura derivam dessa intuição primeira. Daí, não é de estranhar que críticos literários como Harold Bloom retomem a lição que a Cabala pode dar à interpretação contemporânea em relação à errância dos sentidos. A Cabala, para Bloom, apresenta uma atração especial, pois seus tratados mais importantes são compostos de comentários e interpretações dos textos canônicos do judaísmo, o que transforma a Cabala numa "tradição" (tradução ao port. de Cabala) em movimento, em constante transformação graças à leitura e à interpretação(BLOOM, 1991).

Retomando o romance, Rose, a leitora, é a única personagem que se salva, isto é, que se move em direção a algo novo. Ela não está presa a um sentido dado. Por isso, podemos ler o romance de Ozick também como um elogio à literatura. A personagem entra no movimento dos textos, no jogo de palavras, e, como narradora, ela de certa forma "escreve" o romance em pauta. Baseando-se num embate entre grupos judaicos, Cynthia Ozick compõe em paralelo com o enredo toda uma discussão sobre o que é literatura e qual o alcance da palavra literária. Em épocas mais recentes, as práticas ascéticas dos caraítas começaram a declinar, assim como seu intelectualismo tradicional e seu pietismo. À medida que diminuíram em número, seu isolamento tornou-se mais evidente. Quase não se permitia que entrassem em contato com outros judeus, por medo da sedução de sua seita, sendo que os não-caraítas foram proibidos de casar com os caraítas, por

decretos rabínicos. Chegados ao final do romance, os leitores não podem deixar de ouvir os ecos vindos da Europa: Hitler já dissolvera o *Reichstag*, e um povo orgulhosamente ariano estava prestes a elegê-lo numa jubilosa votação nacional. Nos campos de concentração, os nazistas serão especialistas em engessar a língua, dotando cada palavra de um sentido único e pré determinado. Esse processo de pré produção do sentido está intimamente relacionado com a morte e contra ele se coloca a literatura. Quanto ao desfecho do embate entre caraítas e rabanitas, ele foi escrito com sangue durante a Segunda Guerra Mundial. Os caraítas, que atingiam o número de dez mil na União Soviética, na época, tiveram a mesma sorte que os outros judeus: foram mortos nos incineradores e nas câmaras de gás de Hitler.

Notas e indicações bibliográficas

¹ Ver a propósito a dissertação de mestrado de Sara Fang, *Cynthia Ozick e a Memória Sagrada*, mimeo, orientada pela Profª. Dra. Nancy Rozenchan, que trata da ficção da autora dedicada ao Holocausto. A menção ao Novo Ídich foi extraída dessa dissertação, pp.37-38, à qual remeto os interessados.

OZICK, Cynthia, *Vagalumes & parasitas* São Paulo, Companhia das Letras, 2005.(trad.Sônia Moreira)

BLOOM, Harold, *Cabala e Crítica*. Rio de Janeiro, Imago, 1991 (trad. Monique Balbuena)

AUSBEL, Nathan, *Conhecimento Judaico I* (Coleção Judaica) Rio de Janeiro, 1989 (trad. Eva Schechtman Jurkiewicz)